

## O CINEMA COMO FONTE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA MEDIEVAL

Inês Simionato Taniguchi<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo visa relatar uma experiência docente de pesquisa e de intervenção em sala de aula que foi desenvolvida para o PDE (Programa de Desenvolvimento Educacional), propõe-se a abordar novas perspectivas a serem utilizadas pelo professor no ensino de História, situa o cinema como possibilidade de fonte de estudo, pesquisa e apoio no processo ensino-aprendizagem, com o objetivo de facilitar a compreensão e conhecimento do passado. Apresentamos neste texto, filmes que abordam a Idade Média através da aventura e/ou da comédia, objetivando demonstrar as vantagens e cuidados na utilização desta fonte, enfatizando o papel do professor como mediador entre o filme e os alunos.

**Palavras-Chave:** cinema, História Medieval, ensino-aprendizagem, fonte histórica, produção do conhecimento.

**ABSTRACT:** This article aims to report a teaching experience of research and intervention in the classroom developed for the EDP (Program for Educational Development), it is proposed to discuss new prospects to be used for teachers in the teaching of history, it puts the cinema as source of study, research and support in the teaching-learning process, aiming to facilitate the understanding and knowledge of the past. We present, in this text, films that introduce the Middle Ages through the adventure or the comedy, with the purpose of demonstrating the benefits and care in using this source, emphasizing the role of the teacher as a mediator between the film and the students.

**Keywords:** film, Medieval History, teaching-learning, historical source, production of knowledge.

Em nossa pesquisa cujo foco foi a História Medieval através do cinema, proposto para o PDE, se fez necessário entendermos quando começam, no Brasil, as discussões sobre a produção do conhecimento e o ensino de História.

---

<sup>1</sup> A autora é licenciada em História pela UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista, especialista em Ensino de História pela FAFICOP – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cornélio Procópio, atuando como professora no Colégio Marechal Castelo Branco - Ensino Fundamental e Médio, na cidade de Primeiro de Maio/PR, junto à 6ª e 7ª séries.

Segundo Kátia Abud (1999), foi entre as décadas de 1970 e 1980 (século XX) que se intensificaram as discussões sobre o ensino de História e produção de conhecimento, especialmente aquelas que dizem respeito à possibilidade de produção do conhecimento no ensino de 1º e 2º graus. Neste período passou-se a indagar se estes níveis de ensino apenas reproduziam conhecimentos das academias (universidades). Para autora, na década de 1980, André Chervel contribuiu para este debate quando afirmava que: “a sala de aula pode ser lugar de produção de conhecimento escolar”.(apud ABUD,1999, p.149) Assim, Chervel não concebe a escola como “simples agente de transmissão”, mas defende o “caráter eminentemente criativo do saber escolar”. Para Chervel, o sistema educativo produz um conhecimento específico: o saber escolar. (apud ABUD,1999, p. 149).

Dessa forma, para esta autora, pode se afirmar que o conhecimento pode ser produzido e percebido em várias instâncias: no saber acadêmico, nos currículos, nas tradições escolares, na relação que o professor mantém com o conhecimento produzido, e nos livros didáticos. E, nesta perspectiva, é através do currículo oficial que podemos perceber a estrutura do sistema educativo, visto que o currículo é um produto historiográfico produzido por alguém numa determinada sociedade. Embora o currículo apareça quase sempre como algo “natural. (grifo nosso), ele é permeado por interesses “ele representa a expectativa dos dominantes, em relação àquilo que a criança vai aprender na escola”. (ABUD,1999, p.149) É por meio dele que chega à escola os saberes produzidos nas diversas ciências

Ainda para esta autora, os currículos de História apresentam o conhecimento produzido nas academias e as maneiras de se produzir o saber histórico escolar. Embora o currículo indique a teoria proposta pelos órgãos públicos, este não é mecânico, pois professores fazem suas mediações, suas escolhas metodológicas. Desta forma, (ABUD p. 150-151) entende que a lei 5692/71, instituiu a disciplina de Estudos Sociais em substituição à disciplina de História e Geografia, e acabou por colocar os historiadores em uma encruzilhada, pois retirou da História seu

caráter científico e o uso da mesma, como ferramenta indispensável para a concretização de mudanças, objetivou-se apenas fazer uma mistura entre as ciências humanas, tornando a escola apenas um espaço de transmissão de conhecimento já produzido, visando não permitir a formação de cidadãos pensantes e críticos. No final da década de 1980 com o lento e gradual processo de redemocratização do país, as disciplinas de História e Geografia vão retornando à função social das ciências humanas e se constituindo em instrumentos de transformação da sociedade (ABUD,1999, p.150).

Uma crítica que Abud faz com relação às novas propostas curriculares é que estas incorporaram a concepção de uma História ensinada para a transformação da sociedade brasileira. Propunha-se trabalhar com eixos temáticos, levando em conta a história de vida dos alunos, mas acabava excluindo a História linear, valorizando o presente e perdendo a idéia de processo (ABUD, 1999, p.153).

A década de 1990 foi marcada por uma grande mudança nos objetivos da educação e nas expectativas quanto aos seus resultados. A escola deixou de ter como objetivo a reflexão sobre o mundo e a preparação do aluno como agente de transformação. A escola passou a preparar os alunos para atender a uma sociedade já pronta. (idem, p.154).

Neste cenário foram elaborados os PCNs, que visavam preparar o cidadão para o mundo do trabalho, voltado para globalização, colocando em segundo plano a busca de mudanças e transformação da sociedade pelos cidadãos.

Para Lana Mara Siman o processo de construção do conhecimento Histórico pelos alunos não é fácil, visto que a História é abstrata – difícil de se submeter à experimentação – o historiador lida com o imaginário e nem sempre é possível restaurar o passado em sua integridade. Assim, nessa perspectiva, caberia então aos professores de História uma ação mediadora entre os documentos historiográficos que facilitem a aprendizagem e a construção do conhecimento e do raciocínio histórico pelos alunos, levando-os a reelaborar o conhecimento recebido (SIMAN, 2004, p.82-83).

Lana Mara Simam (2004) afirma que:

Para que o ensino de História seja levado a bom termo, ao longo de todo Ensino Fundamental, torna-se necessário que o professor inclua, como parte constitutiva do processo ensino/aprendizagem, a presença de outros mediadores culturais, como os objetos da cultura, material, visual ou simbólica, que ancorados nos procedimentos de produção do conhecimento histórico possibilitem a construção do conhecimento pelos alunos, tornando possível 'imaginar', reconstruir o não vivido diretamente, por meio de variadas fontes documentais. (p. 88).

Assim, podemos considerar a música e as imagens como importantes mediadores do processo de construção e desconstrução do conhecimento e do raciocínio histórico e, através destes documentos, cabe ao professor a função de levar os alunos a se colocarem no lugar do outro ao reconstruir o passado.

A partir do diálogo, professor e aluno usam a memória, sobre conhecimentos já adquiridos para mediar a aprendizagem. É importante relacionar o cotidiano do aluno para que ele perceba que várias temporalidades coexistem, este cotidiano pode incentivá-lo a pensar sua vivência e a adquirir novos conhecimentos, que podem ser por ele ressignificados (SIMAM, 2004, p. 104).

Uma outra autora que contribui para pensarmos sobre a questão da produção do conhecimento é Marlene Cainelli que investiga a possibilidade de alunos das séries iniciais produzirem conhecimentos históricos. Segundo ela, após a ditadura militar, quando ocorreu o retorno da disciplina de História, esta será restrita à 5ª a 8ª séries e 2º grau. Neste período os currículos ainda sofriam influências da teoria piagetiana, no que se refere aos estágios de desenvolvimento da criança e que coloca a dificuldade de se ensinar conhecimentos abstratos para crianças em estágios ainda concretos de desenvolvimento cognitivo. Porém, por volta dos anos 80, novas pesquisas surgiram, investigando a possibilidade da construção do conhecimento em crianças. É a partir de Bruner, Vygotsky e outros que se retomou a discussão da capacidade ou incapacidade do

estudo de História por crianças e adolescentes e os contextos mais propícios para que isso pudesse acontecer (CAINELLI, 2006, p.58-59).

Ainda para Cainelli , a discussão que se colocava naquele momento era a respeito de que se as crianças de sete a dez anos teriam dificuldades em aprender História devido ao conceito de tempo e espaço, o que dificultaria a compreensão das seqüências, das durações e da simultaneidade dos fatos históricos. Existia ainda a questão de que o conhecimento histórico seria bastante abstrato o que dificultaria para a criança o entendimento do passado, visto que este já não existe concretamente, dependendo do imaginário da criança (CAINELLI, 2006, p. 59)..

No século XX autores como Cooper e Lee (apud CAINELLI, 2006, p. 59- 60) afirmam que crianças podem envolver-se ativamente em processos de pesquisa histórica, pois estas já possuem um conceito de causalidade, identificando a História com a narrativa e, ao se relacionarem com objetos do passado, estabelecem relações que os possibilitam vislumbrar como no passado os homens se sentiam e pensavam ao fazer uso de tal objeto.

Outra questão que a autora propõe é como a criança pequena percebe a questão do tempo, como identifica o antigo e como relaciona isso com o novo, enfim qual é o entendimento de uma criança sobre a temporalidade. Segundo a pesquisadora Sandra Oliveira (apud CAINELLI,2004, p.64) as crianças pensam o passado a partir do seu presente e não o contrário. Para a criança o tempo cronológico é desprezado, desnecessário, visto que este é uma criação do social. O que importa é que a criança consiga perceber que existe um tempo diferente do seu.

Marlene Cainelli (2006), em suas recentes pesquisas sobre as possibilidades do ensino de História para crianças das séries iniciais, conclui que as crianças constroem narrativas partindo de sua vivência familiar e do grupo em que convivem e iniciam a formação de conceitos sobre o mundo onde vivem, fazendo comparações entre o tempo e os espaços presente e passado. Assim, em sua perspectiva:

É preciso que o professor tenha condições de ensinar a pensar historicamente a partir do entendimento da criança, dos múltiplos tempos e espaços que formam o tempo e o lugar em que ela está vivendo. (CAINELLI, 2004, p. 70)

Ao ensinar História para crianças se faz necessário despertar interesses por fatos do presente através do passado. Deve-se proporcionar a possibilidade de diálogo com o passado através dos vestígios que nos restam. Levando o aluno a perceber que o importante de conhecer o passado está no fato de poder relacioná-lo com o presente (CAINELLI, 2004, p.71).

O foco atual sobre o ensino de História é o aluno, ou seja, a grande preocupação é: como ocorre a aprendizagem? Como os educandos aprendem os conceitos necessários para a produção de conhecimento? Isso pode ocorrer em qualquer faixa etária?

Para compreendermos ou respondermos tais questões, se faz necessário recorrermos às teorias de aprendizagem de Piaget e Vygotsky (*apud* BITTENCOURT, 2004, p.184-185). Para Piaget a apreensão dos conceitos só ocorrerá quando houver uma maturação interna e biológica por parte do indivíduo. Piaget não considera relevante a interação do indivíduo em seu meio social, ou seja, para este autor não importa a história de vida dos educandos.

Segundo Bittencourt (2004), em contraposição às idéias piagetianas encontramos as idéias de Vigotsky, que valoriza o conhecimento prévio do aluno, chamado de conhecimento espontâneo e busca relacioná-lo ao conhecimento científico, reconhecendo assim a importância da Escola na formação de conceitos, pois essa capacidade só se obtém através da aprendizagem organizada e sistematizada (BITTENCOURT,2004, p.187).

Vigotsky embora reconheça os estágios de desenvolvimento cognitivo, defende que a formação de conceitos depende muito do meio social e da vida cotidiana de cada criança. Ou seja, a criança não aprende só na escola é preciso respeitar o conceito prévio que o aluno possui e

buscar aproximar essa bagagem de senso comum ao conhecimento academicamente produzido de forma sistematizada (BITTENCOURT,2004, p.187).

Para Cainelli (1999, p. 428):

durante o processo de aprendizagem é necessário que o professor trabalhe as representações dos conceitos espontâneos das crianças e a sua capacidade de defini-los. O aluno aprende um conceito no momento em que sabe usá-lo em situações concretas e paulatinamente vai interiorizando-os a ponto de aplicá-los em outras situações; é a fase de transição do conhecimento concreto para o abstrato ou vice-versa.

Circe Bittencourt (2004) salienta que História é uma ciência em construção e passa constantemente por transformações. Assim, para que haja aprendizagem efetiva tudo o que vai ser ensinado tem que ser permeado pelos conceitos históricos. Para que ocorra aprendizagem em história não basta apresentar fatos, situa-los no tempo e no espaço. Entre os conceitos históricos fundamentais destacam-se o tempo histórico e o espaço; no entanto, ressaltamos que a cronologia se faz necessária, porém as crianças devem perceber que existem outras temporalidades, que o tempo é percebido pelas diversas sociedades de maneira diferente, é importante ainda enfatizar a diferença entre tempo cronológico de tempo histórico que é igual a tempo vivido. Em suma é importante que os alunos conheçam a cronologia os 'marcos' (grifo da autora), porém não de uma forma rígida (BITTENCOURT, 2004,p.207-208).

Segundo Bittencourt (2004, p.204), "um dos objetivos básicos da História é compreender o tempo vivido de outras épocas e converter o passado em 'nossos tempos'. A História propõe-se a reconstruir os tempos distantes da experiência do presente e assim transformá-los em tempos familiares para nós." Assim podemos considerar que a função do professor é possibilitar ao estudante a reflexão sobre o presente pelo estudo do passado.

Citando Ernesta Zamboni (*apud*,CAINELLI,1999, p.422-423), percebe-se que História Nova Francesa provoca uma grande alteração no

fazer do historiador, na medida em que propõe o trabalho com novos temas, novos objetos, novos problemas, temas de natureza sócio-cultural e político que exigem do historiador a busca de novas representações que facilitem a produção de conhecimento.

Diante da perspectiva de tantas transformações e tratando-se de analisar as representações construídas para atender às exigências educacionais, Zamboni salienta:

O nosso olhar dirige-se a várias situações uma delas, ligada à apreensão e construção do conhecimento em sala de aula, isto é, a relação de aprendizagem existente entre professores e alunos e a outra, refere-se à múltiplas mercadorias produzidas pela indústria cultural, como vídeos, livros, filmes, pinturas, gravuras, fotografias, enfim todos os materiais considerados didáticos” ( *apud* CAINELLI, 1999, p.423)

Frente aos objetivos das Diretrizes Curriculares para o ensino de História dentre eles , a formação da consciência histórica nos alunos, optamos por uma abordagem do cotidiano medieval através do cinema, pois o período medieval se apresenta como um campo repleto de possíveis e novas investigações, possibilitando novas “leituras” (grifo da nosso). Percebemos que as Diretrizes Curriculares afirmam que:

Os conteúdos estruturantes são saberes, conhecimentos construídos historicamente e considerados fundamentais para a compreensão do objeto e organização dos campos de estudo de uma disciplina escolar. Deles derivam os conteúdos específicos que compõem o trabalho pedagógico e a relação ensino-aprendizagem no cotidiano da escola. (MEC, Diretrizes Curriculares de História para a Educação Básica , 2006, p.30).

“Na disciplina de História, para o Ensino Fundamental, as dimensões da vida humana constituem enfoques significativos para o conhecimento da História. Assim, os conteúdos estruturantes para esse nível de ensino são: a dimensão política; a econômico-social; e a dimensão cultural” (MEC, Diretrizes Curriculares para Educação Básica, 2006, p.30).



A idéia do ensino de História, a partir destas reformulações, seria formar um cidadão crítico através de um ensino de história que não fosse factual e linear. O aluno e o professor tornam-se sujeitos da história ensinada. O professor passa de mero reproduzidor da história científica para produtor de uma história a ser ensinada. No início deste século, a História passa por uma mudança de paradigma em seu ensino. O ensino de História não se dedica tanto ao repasse de datas e fatos históricos, mas em conhecer o modo como as pessoas se organizam, se relacionam e elaboram seus conhecimentos sobre o passado, ou seja, o conjunto de operações mentais que poderíamos chamar de consciência histórica .

Segundo Rüsen (2001), Consciência Histórica significa aprendizagem histórica baseada em um trabalho de memória, fundamental e elementar, necessário para a vida prática, ou seja, a narrativa histórica depende da memória e integra as dimensões temporais do passado, presente e futuro em uma continuidade a qual permite a orientação no presente para o futuro. (RÜSEN, 2001, p.63).

Heller e Rüsen (*apud*, CERRI, 2001, p.8), defendem que o pensar historicamente é um fenômeno antes de tudo cotidiano e faz parte da condição humana, com o que podemos concluir que o pensamento histórico está ligado a uma prática disciplinar no que se refere ao conhecimento acadêmico, não é uma forma qualitativamente diferente de focar a humanidade no tempo, mas sim uma perspectiva mais complexa e especializada de uma atitude que, na origem, é cotidiana e inerente ao fato de estar no mundo. Assim a base do pensamento histórico, portanto, antes de ser cultural ou opcional, é natural: nascimento, vida, morte, juventude, velhice, são referenciais que oferecem ao seres humanos a noção do tempo e de sua passagem.

Para Rüsen (2006), a formação da consciência histórica se encaminha por princípios de ordem teórica que leva o professor a renovar conteúdos, construir problematizações históricas, apreender várias histórias lidas a partir de distintos sujeitos históricos, das histórias silenciadas, histórias que não tiveram acesso à História e por princípio de

ordem prática da didática da história que se refere aos métodos e atividades de ensino de história em aulas. (RÜSEN, 2006, pp.7-16).

Diante disso, nossa proposta é apresentar uma reflexão sobre o cinema como um caminho ao conhecimento da história já que o acesso aos filmes tem sido facilitado pela televisão e, mais recentemente, pelo vídeo e DVD (Digital Vídeo Disk). Pensando no espaço que o vídeo e o cinema vêm ocupando no cotidiano das crianças e adolescentes brasileiros, estamos apresentando uma alternativa para o trabalho em sala de aula.

Refletindo sobre o ensino da História na atualidade e o desinteresse preocupante com que o aluno vem assistindo às aulas, devido à falta de recursos didáticos, de metodologia inovadora e devido, também, o próprio desempenho do professor, que vem se apresentando de forma limitada e concisa, no sentido de continuar sempre seguindo os métodos tradicionais, não levando em conta a situação de reprovação do aluno, e considerando que nesse contexto o processo de aprendizagem da História pode ser melhorado e atualizado, a proposta desta pesquisa tem sua justificativa pautada na busca de novos referenciais, instrumentos pedagógicos e filosóficos voltados para uma prática educacional de formação crítica do indivíduo, em relação ao contexto político, social e econômico e histórico em que o mesmo se encontra inserido.

Tendo por base tudo o que foi exposto anteriormente, pretendemos com este estudo dinamizar/innovar o ensino de História, através da utilização de filmes e novas práticas pedagógicas voltadas para o resgate da relação educador e educando, para que dessa forma a aprendizagem se torne mais atraente e motivadora para o aluno. Destacando a importância de tal disciplina na aprendizagem e na formação do aluno enquanto indivíduo, por se tratar a História de uma das disciplinas responsáveis pela formação de cidadãos críticos e conscientes da evolução histórica do homem na sociedade e no mundo, bem como a sua postura enquanto agente transformador da realidade.

Com o foco A História Medieval Através do Cinema, o presente trabalho visa destacar, através de filmes que fazem parte do

cotidiano dos educandos, o período medieval como um campo repleto de possíveis e novas investigações que poderiam levar a novas “leituras” (grifo da nosso)

Visamos assim levar o aluno a estabelecer semelhanças e identidades com o presente, confrontar diferenças e diversidades entre o cotidiano no medieval e na atualidade. Pois embora a historiografia medieval procure apresentar a humanidade do período, enfocando seu comportamento cotidiano, seus medos, suas crenças, suas paixões, enfim tudo que nos leva a compreender o homem medieval como um ser comum, acabamos percebendo que as crianças do ensino fundamental visualizam os medievais com certa estranheza; parecem pessoas e fatos perdidos no passado que pouco têm a dizer aos jovens que experimentam uma vivência dinâmica.

Nota-se que o desgaste de ambas as partes, professor e aluno, é inevitável e a prioridade o objetivo da escola que é ensinar e, conseqüentemente fazer com que o aluno aprenda, não está ocorrendo na disciplina de História. Esta aula de História tendo por base seu trajeto até os dias atuais, tem sido uma disciplina desvalorizada, associada à aula “chata”, “maçante” (grifo nosso) que acabou criando um estereótipo sobre a disciplina, dificultando ainda mais a relação entre professor e aluno e o assunto histórico estudado.

Nossa proposta, diante disso, é estimular um ensino de História Medieval que possa despertar o interesse dos alunos, que atraia sua curiosidade pelo enfoque em aspectos mais próximos de seu universo.

Para José Rivair Macedo (2003), o cinema possui grande potencialidade na criação de recursos pedagógicos para aproximar-se do histórico. Mais ainda, para Macedo:

Para o contato com o universo medieval em sala de aula, convém repensar a própria linguagem. Nada mais estranho do que valer-se exclusivamente do escrito para se ter acesso ao modo de vida de uma época em que a maioria das pessoas era analfabeta. Por isso, houve quem defendesse tratar-se a Idade Média de uma “civilização dos gestos”, ou de uma “civilização da palavra e da voz”. Um

bom caminho para se compreender essas proposições é, segundo pensamos, explorar no ensino outras possibilidades de comunicação, como a imagem e a oralidade. (MACEDO, 2003, p.118)

Ao trabalhar a Idade Média através do cinema, nossa intenção não é substituir o texto escrito, mas desenvolver uma metodologia através da qual procuramos ampliar as vias de acesso ao conhecimento histórico. Acreditamos que o cinema, por estar associado ao lazer, poderá despertar no aluno um novo tipo de relação com o processo de aprendizagem.

Ressaltamos que não se trata apenas de usar o filme como ilustração para o tema ou como recurso para seduzir um aluno acostumado com a profusão de imagens e sons do mundo audiovisual. Mas usar o filme como meio de abandonar o tradicional método de memorização e por intermédio desse recurso audiovisual levar os alunos a aprender pelos “olhos” (grifo nosso).

Aproveitamo-nos de um momento em que ocorrem aperfeiçoamentos constantes de técnicas áudios-visuais e os filmes penetram no cotidiano do aluno, seja pela televisão, por vídeo ou DVD (Digital Vídeo Disk), constatando-se assim uma verdadeira invasão de imagens, e aos olhos de muitos pesquisadores, uma verdadeira fonte de conhecimento histórico. “Estudar o cinema de um ponto de vista histórico é antes de tudo verificar como o homem se vê e representa a si mesmo e de que forma recria em imagens o seu mundo” (MEIRELLES, 1997, p.114).

Para William Meirelles (1997), por trás das imagens de filme de ficção, aparentemente fantásticas, delineiam-se fatos reais, pessoas vividas, produtos da experiência pessoal e das observações do autor. Assim cada filme tem um valor como documento, qualquer que seja sua natureza aparente. (MEIRELLES, 1997, p.115).

Entretanto, o cinema não pode ser estudado apenas enquanto uma manifestação do imaginário. O filme é um produto dependente da técnica, de um complexo sistema de produção, ou seja, de máquinas e equipamentos sofisticados, mão de obra especializada e

indústria cinematográfica. Como ressalta Antonio P. Rocha: “O surgimento de um filme se dá dentro de um determinado quadro cultural, sua produção está sujeita a condicionamentos históricos e a história narrada por ele foi emoldurada por um determinado quadro ideológico”. (ROCHA, 1993, p.17)

Um outro aspecto importante a ressaltar é o fato de que o filme é um agente da História e não só um produto. Segundo Rocha (1993, p.17).

Nenhum filme é neutro em relação à sociedade que o produziu... Ao se posicionar diante de um quadro social que o gerou e ao ser exibido em outras nações intervém na ordem social. Dessa forma, o filme seja de que gênero for, interfere na realidade, isto é, age na História.

Para Serlei Maria Fischer Ranzi, trabalhar com cinema exige muito mais do que simplesmente escolher o melhor filme para trabalhar determinado conteúdo. É necessário partir de determinado problema, questionando o filme como se questiona qualquer documento utilizado no ensino de História. Cabe ao professor assumir o papel de orientador, o qual conduzirá o aluno para que este visualize no filme, através de uma investigação, o que existe de não visível, as entrelinhas da História. (RANZI, 2002, p.185 -194),

Ranzi afirma que o mero uso de filmes não é garantia de que, ao serem postos em prática, estes irão contribuir para uma nova postura do professor em sala de aula. Aliado a este recurso, o professor deve ter domínio do conteúdo e da metodologia que possa aplicar para atingir a construção do conhecimento histórico. Para o professor é uma tarefa que implica, muitas vezes, mudanças no seu comportamento pedagógico, já que ele terá que estar sempre em processo de atualização e adotando uma visão crítica sem medo de se expor e errar e acreditar que o conhecimento não é algo que se fornece para os alunos. (RANZI, 2002, p.184-195),

Ao buscarmos novas abordagens para o ensino de História, consideramos que as contribuições metodológicas decorrentes de novas

tecnologias, como o cinema, quando usadas adequadamente, se tornam ferramentas de apoio para a apresentação, construção e transmissão do conhecimento histórico produzidos na academia, possibilitando novas formas de apreensão, uma vez que recursos audiovisuais despertam a atenção dos alunos, tornando-os mais interessados e contribuindo para melhoria da aprendizagem, estabelecendo uma relação de interação com o conteúdo entre professores e alunos.

## **IMPLEMENTAÇÃO DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA**

A implementação da proposta de intervenção deste projeto deu-se no Colégio Estadual Marechal Castelo Branco – Ensino Fundamental e Médio (Primeiro de Maio), sendo concretizado em duas salas de aula de 6ª séries do período matutino.

Após levantamento feito através de entrevistas e questionários, constatou-se que os pais são, na maioria, os responsáveis pela vida escolar dos filhos e que um número significativo de pais possuem formação em nível de segundo grau, eles desenvolvem atividades relacionadas à agricultura, piscicultura, avicultura, ao comércio e ao serviço público.

A atividade econômica predominante nesta comunidade é a agropecuária, baseada em pequenas e médias propriedades, onde predomina o trabalho familiar que incorpora a produção mecanizada, ocasionando assim, um elevado índice de desemprego. O comércio local é pouco dinâmico, há falta de indústrias, o que restringe muito a opção de trabalho. Deste modo, o perfil das profissões entre as famílias de nossos alunos, encontra-se no trabalho temporário, bóias-frias, empregadas domésticas e mensalistas.

A vida cultural da comunidade é bastante limitada, reduzindo-se à práticas religiosas, TVs, rádio e internet, que são os veículos de comunicação que ocupam a maior parte do tempo das famílias. Os programas de TV mais assistidos são as telenovelas, os telejornais e os esportivos. No que diz respeito a jornais e revistas, cerca

de 80% das famílias não têm acesso a esses instrumentos da mídia. Os tipos de filmes favoritos entre os adolescentes são as comédias, aventuras e terror, inexistindo a prática de outras fontes culturais como teatro, hábito de leitura, cinema e museus, dentre outros.

Analisando o perfil das turmas percebe-se que, entre eles, alguns se encontram totalmente desmotivados, sem perspectivas de vida e, ainda, alguns apresentam comportamentos agressivos e com certo grau de rebeldia. Muitos não possuem sonhos ou esperança de mudança, assim, não valorizam a escola, não demonstram atitudes de respeito ao próximo e ao patrimônio público. Demonstram insensibilidade diante das diferentes situações que acontecem no dia-a-dia da escola. Por outro lado, temos aqueles que reconhecem a importância da escola para suas vidas e vêem nela um meio de ascensão social, acreditam ainda que, através dela, possam sonhar com um futuro melhor e mais promissor.

Através de questionário, foi feita uma observação prévia da visão que os alunos possuem sobre História, sendo possível traçar o seguinte perfil para os educandos: as aulas de História resumem-se a aulas que exigem um comportamento passivo, basta escutar a explicação ou copiar esquemas apresentados no quadro. Segundo os mesmos, os procedimentos metodológicos empregados na transmissão dos conteúdos não são estimulantes e as aulas acontecem seguindo uma rotina, um modelo no qual o professor pergunta e o aluno responde e a interação, a troca de idéias, não existe.

A maior parte dos alunos não se interessa pela disciplina de História, estudando-a somente para os dias de provas. Vale dizer que há alunos que não a estudam nem neste caso. Muitos alunos alegam que até gostariam de aprender a matéria, mas a considera muito difícil, desinteressante e sem utilidade, os estudantes têm dificuldade para explicar em por que estão aprendendo História ou para que poderá ser útil a História fora da escola.

Quanto às aulas dadas na escola, os alunos sugerem que as mesmas devem ser mais dinâmicas, com metodologias diferenciadas, como jogos, textos complementares, livros, filmes, debates, entrevistas,

músicas ou qualquer outro material de apoio, proporcionando assim maior envolvimento dos mesmos.

Com relação aos conceitos que os alunos trazem sobre a História, coletou-se alguns depoimentos, como: “História estuda o passado e este é permanente”, “a História nos conta o que aconteceu”, “História é o resumo dos fatos mais importantes, que aconteceram no passado”. Apenas 10% alunos disseram “estudar história é estudar os acontecimentos do passado para podermos relacioná-lo com o presente”, “História fala sobre passado e presente e envolve a nossa vida”.

As idéias apresentadas pelos alunos envolvidos na pesquisa confirma a teoria de Peter Lee: “para compreendermos a História, precisamos falar de situações específicas do passado e de promovermos a sua interpretação[...] situações de aprendizagens como estas não passam de um exercício de entrega de informação”. (*apud*, BARCA, 2001, p. 104).

Percebe-se assim que a dificuldade do aluno encontra-se em perceber o processo da História como um todo, o aluno se detém apenas a fatos históricos apresentados e que para muitos se tornam verdades inquestionáveis.

Ainda para Lee (*apud*, BARCA, 2001, p, 15), o passado para o aluno é contra intuitivo, quando trabalhamos as fontes de informações históricas , muitos alunos podem relacioná-las a verdades únicas, prontas e acabadas, embora tudo isso seja de difícil compreensão para as crianças, o sucesso do ensino de História depende de levar os estudantes a compreenderem que o que estão a estudar já foi anteriormente pesquisado e analisado por um historiador, que se baseou e comparou diversas evidências sobre tal fato.

Para Isabel Barca (2006, p.95), “em História, a aprendizagem é orientada para uma leitura contextualizada do passado a partir da evidência fornecida por variadíssimas fontes”. Barca afirma que atualmente existe uma corrente de teóricos que defendem um caráter de provisoriedade para as respostas históricas. Porém, segundo a autora, o que valida a produção histórica é o critério de consciência com a evidência, que deve ser explorado aos poucos nas aulas de História.



Lembrando ainda a necessidade de se diferenciar a interpretação histórica, que se limita à descrição, da que se reporta ao nível da explicação dos fatos históricos. Para a autora:

“Não será útil para os jovens considerar que qualquer resposta sobre o passado é apenas uma questão de opinião pessoal ou de ponto de vista. Eles precisam exercitar um pensamento crítico, de aprender a selecionar respostas mais adequadas sobre o real, passado e presente”. (BARCA, 2001. p. 30)

Diante desse contexto desfavorável ao ensino e aprendizagem da História, entende-se que há necessidade de mudanças e transformações. Este processo pode se iniciar partindo do professor, através da adoção em sala de aula de uma nova postura, de novas metodologias, enfim, através de novas fontes que visem incorporar ao ensino de História, novas abordagens, que coloquem professores e alunos como sujeitos de seu próprio processo, possibilitando uma nova concepção do fazer História que torna o ato do ensino e aprendizagem mais interessante e criativo, contrapondo-se à chamada História Tradicional.

Como vimos durante dos cursos oferecidos pelos professores orientadores do PDE, novos métodos e abordagens são possíveis para o ensino da História. Com o avanço dos modernos meios e formas de comunicação, notadamente os ligados à produção de imagens, registros orais, filmes, vídeos, que têm sido responsáveis por muitos e novos desafios colocados ao ensino de História, que estava vinculado quase que exclusivamente à utilização de fontes escritas.

Ao planejarmos nosso trabalho, observamos a citação de Isabel Barca: “[...] num mundo de informação plural, será desejável que os alunos aprendam de forma gradual, a comparar e selecionar criteriosamente narrativas e fontes divergentes sobre um determinado passado”. (BARCA, 2006, p.96).

Como forma de delinear a proposta de intervenção na escola com a temática Cinema e Idade Média, o conhecimento prévio (idéias

tácitas) dos alunos deve ser considerado como ponto de partida para uma aprendizagem significativa, que objetiva atribuir significado ao que se aprende.

Trata-se de uma experiência que envolveu duas turmas de 6ª séries do Ensino Fundamental, que teve por objetivo uma investigação que nos levasse a detectar o conhecimento que os alunos possuíam sobre Idade Média, confrontá-lo com o científico e ainda verificar como era possível modificar a realidade analisada.

Tendo em vista que o público alvo da pesquisa possivelmente teria quase nenhum conhecimento formal sobre a temática proposta, já que o tema Feudalismo dentro das Diretrizes Curriculares de História do Paraná é tema proposto para a 6ª série, formulamos assim, questões abertas, para verificarmos o todo do saber anteriormente adquirido pelos alunos. As questões de investigação que nortearam o estudo foram as seguintes:

- O que você entende por Idade Média?
- O que você conhece sobre feudalismo?
- Você consegue estabelecer semelhança entre a Idade Média e o presente? Quais?
- Você acha que o Feudalismo prevalece até hoje? Por quê?
- Você acredita que a religiosidade medieval se assemelha a religiosidade de hoje em dia?
- Durante o feudalismo a economia tornou-se essencialmente agrária. Hoje você acredita que é possível viver apenas da agricultura?
- Você consegue estabelecer semelhanças entre o trabalho agrícola medieval e o atual (equipamentos agrícolas, mão-de-obra)?
- Você acredita que o uso de filmes, relacionados ao conteúdo feudalismo, facilitarão a compreensão do conteúdo? Por quê?

Após análise das respostas dos alunos, confirmamos a idéia que tínhamos *a priori*, mesmo entre os alunos repetentes, embora poucos: o conhecimento sobre Idade Média e Feudalismo era ainda incipiente, do ponto de vista histórico. Aqui apresentamos algumas respostas obtidas na

pesquisa, como: “O feudalismo fazia parte da Idade Média”, “ Idade Média é um período de muitas guerras e feudalismo consistia em uma área territorial”, “Idade Média foi um período de guerra, sofrimento e preconceito e feudalismo uma forma de subsistência e fidelidade”, “Idade Média é um fato histórico, feudalismo eram terras que hoje se chamam terrenos”.

Nos itens relacionados ao tema da religiosidade e a agricultura, ou, semelhanças e diferenças entre feudalismo passado e presente, os alunos não se manifestaram ou apenas alegaram não possuírem conhecimento sobre o assunto.

Com relação ao uso de filmes para aprender História, todos manifestaram interesse e curiosidade, em como seria aprender História usando outra fonte histórica que não fosse textos.

Procuramos deixar claro a todos que o filme é uma via de acesso ao conhecimento da História. Que o cinema apresenta mensagens fílmicas individuais e múltiplas, mensagens que traduzem valores culturais, sociais e ideológicos de uma sociedade. Procuramos esclarecer que cinema não é História. O cinema, assim como os museus e as bibliotecas, integra o campo da memória e está associado à lembrança, à preservação, mas ao escolher o que merece ser memorizado, ela também se torna responsável pelo que é esquecido. Assim o cinema – como qualquer outra forma de memória – nos ajuda a lembrar algumas coisas e esquecer outras.

Quanto aos conceitos históricos, foi visível nas respostas dos alunos, que ainda não estavam construídos de uma forma elaborada, ou seja, cientificamente estruturados. Então, para que a aprendizagem aconteça se faz necessário considerar os conceitos espontâneos que os alunos trazem e que o professor, enquanto detentor do conhecimento tradicional deverá fazer a mediação entre o conhecimento do aluno e seu material, metodologia, visando melhorar o resultado da avaliação do aluno, que é um processo de construção.

Sabe-se que construir conhecimento é aprender a elaborar uma representação pessoal do conteúdo, do objeto de aprendizagem,

portanto, na proposta de intervenção na escola julguei ser preciso buscar meios pelos quais os alunos formassem seu próprio conhecimento: a participação, a exploração sistemática do meio, a audição de relatos e exposições.

Para Rüsen (2006, p. 7-16), é importante nos indagarmos sobre as condições, finalidades e objetivos do ensino de História. Para este autor, a cognição histórica só ocorre quando a aprendizagem se torna significativa para o educando, ou seja, quando o mesmo consegue relacionar a sua vivência ao conteúdo ensinado. Só há possibilidade de aprendizagem em História quando o educando consegue refazer a trajetória do historiador, distinguindo a História do senso comum do conhecimento científico.

Enfim, a discussão atual sobre ensino de História gira em torno da necessidade da formação da consciência histórica, ou seja, levar o aluno a pensar historicamente é o maior objetivo, só existe possibilidade de aprendizagem em História quando o aluno consegue distinguir o conteúdo de senso comum do conhecimento científico, a partir da leitura, compreender o que ocorreu.

Segundo a perspectiva da educação histórica de Rüsen (2006.p.p. 7-16), não importa o conteúdo, o importante é ser competente no que se refere ao saber ler fontes históricas diversas, confrontá-las e selecioná-las, para confirmação e refutação de hipóteses. E ser capaz de perceber o outro como diferente, de entender a dialética da mudança e da permanência, o que implica dizer que a vida não é retilínea e que o futuro pode ser diferente do presente, e mais do que entender o passado, é trabalhar a diferença, a tolerância. É nessa perspectiva que se percebe a relevância do estudo da História.

Buscamos desenvolver um trabalho simples sob o eixo temático – o cotidiano na era medieval e a explicação do mundo através da fé – que possa direcionar o estudo do período, baseado numa bibliografia de relativo acesso e com recursos disponíveis, que acreditamos, possa facilitar a compreensão do conteúdo, contando com maior simpatia dos alunos pelo estudo.

A primeira dificuldade encontrada na aplicabilidade da proposta foi com relação aos filmes propostos, pois pelo levantamento prévio de interesses feito junto ao grupo, pude perceber que filmes como “Em nome de Deus”, “Feitiço de Águila”, “O nome da Rosa”, não despertariam atenção do grupo. Tais filmes exigem um embasamento maior sobre o conteúdo, apresentam um grau de complexidade para sua análise e, ainda, devemos considerar que são filmes “lentos” (grifo nosso). Os adolescentes em sua maioria desejavam ver filmes de ação, terror e comédia. Sendo assim, tivemos que buscar referenciais para novos filmes. Sugerimos o tema: “o cotidiano no mundo medieval” como um passaporte para o ingresso no estudo deste período. Para isso utilizamos os filmes: O Incrível Exército de Brancaleone e Coração de Dragão.

Os filmes relacionados, em termos bem genéricos, apresentam a superestrutura da sociedade feudal, possibilitando verificar que as relações sociais, políticas e econômicas guardam uma relação com o mundo das idéias. Mostram que o predomínio da religião católica na Idade Média só pode ser explicado em sua relação com os outros níveis da vida social.

Nossa proposta era apresentar uma reflexão sobre o cinema como um caminho ao conhecimento da história já que o acesso aos filmes tem sido facilitado pela televisão e, mais recentemente pelo vídeo e DVD. Pensando no espaço que o vídeo e o cinema vêm ocupando no cotidiano das crianças e adolescentes brasileiros, buscamos no cinema uma alternativa para o trabalho em sala de aula.

Refletindo sobre o ensino da História na atualidade, e o desinteresse preocupante com que o aluno vem assistindo às aulas, devido à falta de recursos didáticos, de metodologia inovadora e devido, também, ao próprio desempenho do professor, que vem se apresentando de forma limitada e concisa, no sentido de continuar sempre seguindo os métodos tradicionais, não levando em conta a situação de reprovação do aluno, e considerando que nesse contexto o processo de aprendizagem da História pode ser melhorado e atualizado, a proposta desta pesquisa teve sua justificativa pautada na busca de novos referenciais, instrumentos

pedagógicos e filosóficos voltados para uma prática educacional de formação crítica do indivíduo, em relação ao contexto político, social e econômico e histórico em que o mesmo se encontra inserido.

Buscamos assim, no cinema, uma motivação permanente com o propósito de atingir um melhor rendimento no ensino da História, bem como sua valorização. Costa e Silva (1991, p. 51-54) acreditam que o professor deve se permitir ser criativo e então dar espaço para que o aluno se manifeste criativamente, no entanto isso não é tão fácil devido à educação tradicional que o professor sempre teve.

Tendo por base tudo o que foi exposto anteriormente, pretendemos com este estudo dinamizar/innovar o ensino de História, através da utilização de filmes e novas práticas pedagógicas voltadas para o resgate da relação educador e educando, para que dessa forma a aprendizagem se torne mais atraente e motivadora para o aluno. Destacando a importância de tal disciplina na aprendizagem e na formação do aluno enquanto indivíduo, capaz de formar consciência de cidadania de modo a construir no aluno , através da incorporação de atitudes, valores e comportamentos, a capacidade de intervenção clara e conseqüente em sua realidade.

Após o levantamento do conhecimento prévio dos alunos sobre o tema Feudalismo, deu-se a apresentação do conteúdo por meio de leitura do livro didático e explanação oral, bem como do uso dos textos, atividades e filmes propostos no (Projeto do Governo) FOLHAS: Idade Média no Cinema, formulado pela autora como material didático exigido pelo PDE. A aplicação desta proposta durou aproximadamente dois meses, um dos fatores principais da demora foi a dificuldade do uso do vídeo, pois na escola onde desenvolvemos este trabalho o espaço destinado à sala de vídeo estava sendo ocupado por uma turma, já que existia uma sala interditada no prédio. Por fim, acabamos levando outro vídeo para a escola, que foi instalado em um televisor velho e possibilitou-nos assistir os filmes na própria sala de aula. Para que houvesse aprendizagem significativa, privilegiamos a utilização de fontes históricas diversas.

Ao longo desta experiência, pretendemos levar os alunos a levantar questões e hipóteses explicativas, propiciando um ambiente de debate, fundamentando-nos em fontes diversificadas, buscamos relacionar passado e presente, principalmente no que se refere à agricultura e a religião, já que a base econômica de nosso município é agrícola e mais de 80% de nossos alunos são adeptos da religião católica.

Após a aplicação do conteúdo, realizamos novamente a aplicação dos questionários.

As respostas que se seguiram demonstram a existência de diversos níveis de pensamento histórico: enquanto alguns demonstram alguma progressão em sua consciência histórica, raciocinando descritivamente e de modo coerente, conseguindo relacionar o passado através do presente, demonstrando estabelecer sentido ao passado, existiram aqueles que demonstraram bastante inconsciência, raciocinando apenas de modo explicativo e bastante restrito. Exemplificando.

- O que você entende por Idade Média? “Foi um período histórico; foi uma época de muitas guerras, doenças; foi um período histórico que ocorreu o feudalismo; foi um período de muitas guerras, bastante diferente de hoje; período histórico de muita dor e sofrimento foi um período que marcou muito”.
- O que você conhece sobre feudalismo? “O feudalismo foi uma organização social e política baseada na relação de fidelidade; foi um modo de produção; feudalismo é tudo que aconteceu na Idade Média; uma questão de fidelidade e política; época em que as pessoas não tinham liberdade, pois tinham que obedecer ao senhor feudal; época que para sobreviver era preciso trabalhar e pagar impostos aos senhores feudais”.
- Você consegue estabelecer semelhança entre a Idade Média e o presente? Quais?  
“Sim, ainda existe muito preconceito; não, hoje é muito diferente; sim, ainda existem muitas pessoas que não possuem terras para

trabalhar; sim, todos temos que pagar muitos impostos; não, hoje as pessoas são livres”.

- Você acha que o Feudalismo prevalece até hoje? Por quê?  
Sim, porque em alguns lugares ainda há trabalhadores escravos; não, as pessoas não são presas a uma terra; Em algumas coisas sim, porque existem pessoas que possuem muita fé na Igreja; não, porque hoje não é a base de subsistência, cada um trabalha para sobreviver; sim, porque ainda há guerras; sim, porque hoje em dia os donos das terras deixam pessoas morar em suas terras em troca e o lucro fica para ele.
- Você acredita que a religiosidade medieval se assemelha à religiosidade de hoje em dia? “Não, porque antes a religião mandava e hoje as pessoas são livres; não, porque todas as pessoas seguiam ao pé da letra as leis da igreja e hoje não; sim, pois os que negassem crer em Deus eram castigados, por isso até hoje permanecem católicos; não por que hoje é muito diferente, antes as pessoas se ajudavam uns aos outros e hoje são poucas as pessoas que se ajudam; naquela época a igreja comandava tudo, hoje as pessoas já não são tão religiosas; não porque hoje as pessoas acreditam que Deus nos ama e não nos castiga; a religião medieval era respeitada e obedecida por todos, hoje já não é mais assim.”
- Durante o feudalismo a economia tornou-se essencialmente agrária. Hoje você acredita que é possível viver apenas da agricultura? “Não, na atualidade a única coisa que a pessoa precisa é de dinheiro para comprar; não, hoje há vários outros empregos; não, hoje também dependemos do comércio; não precisamos também das indústrias; não, porque hoje um setor está ligado ao outro: agricultura, comércio, indústria; não, pois precisamos dos produtos das cidades, como: remédio, roupa, sapatos, eletrodomésticos...”
- Você consegue estabelecer semelhanças entre o trabalho agrícola medieval e o atual (equipamentos agrícolas, mão-de-obra)? “Sim, nós também não sobrevivemos sem a agricultura; naquela época



era tudo manual, hoje é tudo mais sofisticado, naquele tempo era tudo feito pelo homem e o animal, hoje a tecnologia é muito grande; sim, pois como antes os agricultores estão sempre procurando produzir mais; sim, eles tentavam aumentar a produção e nós também; não hoje em dia os equipamentos agrícolas estão super avançados , dispensando a mão-de-obra humana; sim, algumas coisas da época medieval são usadas até hoje, como: enxada, arado, foice; sim, hoje a terra ainda pertence a poucas pessoas e as demais vendem seu trabalho na roça .”

- Você acredita que o uso de filmes, relacionados ao conteúdo feudalismo, que utilizamos nas aulas de História, facilitou a compreensão do conteúdo? “Sim, o que eu não sabia aprendi vendo o filme, Sim porque nós entendemos um pouco mais da Idade Média; sim, acho mais fácil aprender com as imagens do que só com as explicações; sim, porque vendo o filme, você compreende mais do que quando a professora fala; sim, pois assim nós podemos ver e sentir como era; sim porque nos conta a história através de imagens e não só de palavras.

Embora os resultados deste trabalho não possam ser generalizados, eles fornecem algumas pistas de como podemos facilitar a aprendizagem aos nossos alunos usando outra ferramenta, além dos textos e aulas expositivas, no caso o cinema, tornando a aprendizagem mais significativa e as aulas de História mais prazerosas.

Por este prisma, o recurso do cinema em aulas de História torna-se instrumentos para a contextualização dos temas propostos pelo professor e de prazerosa análise posterior dos alunos. (NAPOLITANO, 2003: p.11-12) conclui que: “Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte”

Os filmes buscam refletir o cotidiano e suas ideologias, nem sempre a película é fiel a esse reflexo, pois como a fotografia e as demais linguagens, o homem tem a capacidade de omitir, distorcer ou fragilizar situações e personagens históricos com os usos e abusos da imagem ao sabor de interesses econômicos, sociais, políticos ou culturais. Cabe ao professor estar atento a essa questão para evitar que o aluno não tome o filme como verdade absoluta, esquecendo de relativizar tempo, espaço e sujeito histórico. Os alunos podem estudar o filme como testemunho da História e das representações do passado, mas não limitar sua análise a esse documento, pois os enredos articulam mais sobre o presente, ainda que seu discurso esteja situado no passado.

Para indicar que pesquisas atuais demonstram que crianças e adolescentes apresentam modos diferentes de aprendizagem histórica, apreciamos o que nos diz Barca:

Por isso, é pertinente propor-se desde cedo, na educação histórica, a exploração de idéias mais elaboradas que o simples repassar de conteúdos substantivos. Os professores de História devem preparar-se para esse desafio. Se considerarmos que a aprendizagem é contextualizada socialmente, as experiências, o enfoque e os métodos de ensinar afectam necessariamente o nível de pensamento histórico. (BARCA, 2006, p.108).

Isso foi comprovado através dos resultados obtidos neste trabalho, pois as aulas tornaram-se mais envolventes e os alunos mais curiosos, desenvolveram certo senso crítico, motivando-se para a construção do conhecimento.

Concluimos então, que a Escola não pode estar fechada em si mesma, seus muros são altos, mas não intransponíveis e acatar apenas disposições que as instituições governamentais lhes inferem; significaria permitir a atrofia da aprendizagem, o estaque da prática e a cristalização do que está sempre em constante mudança: a sociedade.

Por fim, sempre é bom lembrar que não existe livro ou filme que substitua o professor em sala de aula. O sucesso dessa metodologia depende basicamente de nós.

## REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria. **Conhecimento Histórico e Ensino de História: a produção de conhecimento histórico escolar**. SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene (orgs.) III Encontro Perspectivas do Ensino de História, Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

BARCA, Isabel (org). **Concepções de adolescentes sobre múltiplas explicações em História. Perspectivas em Educação Histórica**. (Actas das 1<sup>as</sup> Jornadas Internacionais de Educação Histórica). Minho: Centro de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2001.

BARCA, Izabel. Literacia e Consciência histórica. In. Educar em Revista, Curitiba Ed. UFRR, 2006 ( nº especial)

BITTENCOURT, Circe F., **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_ **O Saber Histórico em Sala de Aula**. São Paulo. Contexto, 2003. CAINELLI, Marlene e SCHIMDT, Maria Auxiliadora (orgs.). III Encontro Perspectivas do Ensino de História, Curitiba, Aos Quatro Ventos, 1999.

CAINELLI, Marlene. **Educação Histórica: Perspectivas de aprendizagem da história no ensino fundamental**. In: Educar em Revista. Curitiba: Editora UFPR, 2006 (Dossiê Educação Histórica).

CERRI, Luis Fernando. **Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da História**. Revista de História Regional: Ponta Grossa, UEPG, 2001.

COSTA, Maria J. e RIBEIRO, Christiane R. **Ensino e Criatividade**. In: caderno de História. Universidade Federal de Uberlândia. P. 51-54, janeiro/1991.

Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná – **História**. SEED . Curitiba: 2003

LEE, Peter. **Em direção a um conceito de literacia histórica**. In: Educar em Revista, Ed.,UFPR, Curitiba: 2006, p. 131-150.

\_\_\_\_\_. Progressão da compreensão dos alunos em História, In: BARCA, Isabel. (org). **Perspectivas em Educação Histórica**. Actas das Primeiras jornadas internacionais de Educação Histórica. Universidade do Minho, p.13-29,2001.

MACEDO, JOSÉ RIVAIR, “Repensando a Idade Média no Ensino de História”. In KARNAL, Leandro (org.) **Historia na Sala de Aula Conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2003.

MEIRELLES, Willian Reis. **Abordagem Preliminar sobre o uso do Filme na Sala de Aula**. In: III Encontro Perspectivas do Ensino de História. Curitiba: Aos Quatro Ventos, p.505-508.

\_\_\_\_\_. **O cinema como fonte para o Estudo da História**. In: História e Ensino. Londrina, v.3,p.113-123,abril,1997.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música**. Belo Horizonte, Autêntica: 2002.

PINSKY, Carla B. (e outros). **Fontes Históricas**. São Paulo, Contexto: 2005.

RANZI, Sirlei Maria Fischer. **Cinema e Aprendizagem em História**. In: História & Ensino, Londrina, p. 185 a 194, 2002.

ROCHA, Antonio P., **O Filme um recurso Didático no ensino da História**. 2ª edição, São Paulo, FDE, 1993.

RÜSEN, Jorn. **Didática da História: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão**. In: Práxis Educativa, V. 1, nº 2, Ponta Grossa: 2006, p: 07-16.

\_\_\_\_\_. **Razão Histórica**. Brasília, UNB, 2001.

SIMAM, Lana Mara de Castro. “O Papel dos Mediadores Culturais e da Ação Mediadora do Professor no Processo de Construção do Conhecimento Histórico pelos Alunos” In: In: ZARTH, Paulo A e outros (orgs.). **Ensino de História e Educação**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2004.

ZAMBONI, Ernesta. **As Linguagens e a Produção do Conhecimento Histórico no Ensino Fundamental de História**. In: III Encontro Perspectivas do ensino de História. Curitiba: Aos Quatro Ventos. p. 422-424. 1999.